

No nosso leitor José Medeiros Ferreira, colaborador da revista SEARA NOVA, recebemos, com pedido de publicação, o seguinte texto — que representa a primeira intervenção polémica, à margem das pessoas abordadas, no nosso inquérito «Portugal perante a Europa». Entretanto — e por absoluta falta de espaço — só nas próximas semanas retomaremos a publicação das respostas ao inquérito, interrompida no nosso número anterior.

Medeiros Ferreira responde a João Martins Pereira

ESCLARECIMENTO AOS LEITORES DO «COMÉRCIO DO FUNCHAL»

Fiquei relativamente surpreendido ao ler no «Comércio do Funchal» de 14 de Novembro último, as linhas escritas por João Martins Pereira em resposta ao inquérito desse jornal subordinado ao tema «Portugal perante a Europa».

A surpresa deve-se, particularmente, ao facto de o articulista ter citado, viciadamente, uma frase dum artigo meu intitulado «Quem Construirá a Europa?» e publicado na «Seara Nova» de Setembro deste ano. Tenho a impressão que o inquirido fez o mesmo ao citar na referida ocasião Armando Castro e Manuel de Lucena. Mas é este um problema que já não me diz respeito.

Confesso que não estava à espera que João Martins Pereira, escrupuloso de reputação, procedesse tão atabalhoadamente no expeditivo fim de se desembaraçar dos autores acima referidos. Ou seria para os desacreditar perante os leitores do «Comércio do Funchal»? Foi: que, segundo o seu parecer», nem as posições geográfico-doutorais, nem os (sic) «economistas», nem as coisas da identidade nacional (com «dimensão africana», acrescente-se...), chegam para situar o problema Europa-Portugal». Deste expeditivo requisitório eu sou prendado com «as posições geográfico-doutorais». Citando uma frase minha em que digo que a principal unidade da Europa é a sua continuidade geográfica, J.M.P. pode fazer crer, a quem não tenha lido o meu artigo, que por aí me fico. Acontece que é falso.

Se eu tivesse a certeza que os leitores do «Comércio do Funchal» tinham lido o meu artigo na «Seara Nova» nem sequer me daria ao trabalho de demonstrar quão falsificada e gratuita é a versão deste apresentada por J.M.P.. A nenhum leitor escaparia por certo a deformação praticada. Mas como não quero deixar os leitores do «Comércio do Funchal» entregues à interpretação dada, vejo-me obrigado a transcrever o breve esclarecimento com que começo o dito artigo:

«Este artigo não se destina ao agrado geral nem procura particulares clientelas. Resulta de um esforço de reflexão — ainda em curso — que não tem imediatamente em conta o caso nacional português (o sublinhado nasce agora e destina-se a J.M.P.). Filho de um espírito «estrangeirado» a urgência da temática é menor se a compararmos à sua importância.

Evidentemente o facto de o escrever significa a concordância com a sua actualidade: muito do nosso futuro passará pelo que for a Europa — mesmo que indirectamente, ao abrigo de rasgos pioneiros, e sem límpida teorização.

Este artigo é ainda ocasião para um exercício conjugado de diversos instrumentos de análise histórica e política como sejam os conceitos de luta de classes, nação, estado e geografia política».

Bem ou mal, (compete também ao leitor julgar) foi o que fiz, sem outro desiderato que o de chamar a atenção dos socialistas para um problema que comandará grande parte do nosso futuro. Houve quem se recusasse a compreender, já Portugal é demasiado...

Ora, fui apresentado aos leitores do «Comércio do Funchal» como tendo posições geográfico-doutorais (o «doutorais» é «p'ra reinar» com a rapaziada, não é?) perante o problema Europa-Portugal, pro-

PORTUGAL PERANTE A EUROPA

blema que não trato — deliberadamente — em tal artigo. O que, por si só, já chegaria para duvidar da leitura feita por J.M.P.

Acresce porém que só dedico uma parte do artigo à Geografia Política, admitindo que esta ciência pode fornecer alguns elementos explicativos a propósito da unificação europeia. Tendo dito antes que «a organização interna das sociedades e a própria situação das classes dentro destas são factores importantes para a construção dos espaços desde o urbanismo às fronteiras» termino a parte referente à Geografia do seguinte modo: «Resumindo: a principal unidade da Europa é a sua continuidade geográfica. Os grupos sociais que queiram agir independentemente dos Estados Unidos da América, da União Soviética ou de outras futuras potências, terão de procurar formas de organização económica, social e política desse espaço geográfico diferentes das existentes actualmente».

Como vêem, o que digo é substancialmente diferente do que foi dado a entender. E já agora não resisto ao desejo de sintetizar perante vós o meu pensamento sobre a natureza de classe da integração europeia:

a) A construção europeia é hoje obra de burgueses, ajudados pela lógica do sistema capitalista;

b) Nem todas as forças burguesas estão interessadas na construção europeia. É mesmo de admitir que as principais resistências à unificação da Europa venham das chamadas burguesias nacionais;

c) As classes trabalhadoras não têm actualmente poder de iniciativa na Europa. Mas a unificação desta não lhes será necessariamente prejudicial — e possivelmente serão as classes trabalhadoras, através das suas instituições, aquelas que permitirão o aperfeiçoamento da Europa Unida.»

Assim, não há no meu artigo nada que autorize a interpretação mediocre que lhe foi dada. Em primeiro lugar, porque não trato directamente do problema Europa-Portugal, embora esteja longe de o considerar um falso problema. Em segundo lugar, porque mesmo perante o problema da unificação da Europa (cujas formas actuais são transitórias, o Mercado Comum sendo apenas um momento e um aspecto, que convém aliás alterar radicalmente), o artigo privilegia ainda outros conceitos operatórios além da geografia, entre os quais a luta de classes.

* * *

O fim deste esclarecimento foi apenas o de impedir que o leitor do «Comércio do Funchal» ficasse com uma ideia errada do meu artigo inserido na «Seara Nova». Por isso guardo-me de aqui entrar propriamente na matéria, ou seja, no problema «Portugal perante a Europa». Porém repito que ele não é um falso problema, nem para a burguesia que é actualmente o principal agente histórico, nem para as classes trabalhadoras, que terão de sofrer as consequências da forma como se resolver o problema, consequências tanto mais graves quanto mais essas classes se absterem de se ocupar dele.

É que em política é indiferente ser-se doutor ou engenheiro. O que conta muitas vezes é a previsão e a vontade. Dois atributos que parecem faltar a João Martins Pereira perante o problema da Europa.

JOSÉ MEDEIROS FERREIRA □